

ADOLESCENTES NEGROS DE ELITE EM UMA ESCOLA DA REDE PARTICULAR DE BELO HORIZONTE- MG/ BRASIL: LIMITES E POSSIBILIDADES PARA A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES ETNICORRACIAIS



Vol.9 nº 17 jan./jun.2014
p. 115-126

ELITE BLACK TEENAGERS IN A SCHOOL FROM PRIVATE BELO HORIZONTE-MG / BRAZIL: LIMITS AND POSSIBILITIES FOR BUILDING ETNICORRACIAIS IDENTITIES

Pollyanna Alves Nicodemos¹

RESUMO: Este artigo resultou de pesquisa desenvolvida junto ao programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, que teve por objetivo central compreender o processo de construção da identidade de adolescentes negros de elite do ensino médio, matriculados e regulamente frequentes em uma escola da rede particular de Belo Horizonte, Minas Gerais. A escola é um dos espaços privilegiados para se observar como construções identitárias ocorrem em meio às dinâmicas de socialização e aprendizagens, especialmente identidades étnicas e raciais num contexto em que a presença de estudantes negros é historicamente pequena. A metodologia usada foi o estudo de caso, uma vez que tal procedimento possibilitou à pesquisadora analisar, observar, descrever e, assim, reunir informações detalhadas a partir de uma estada no campo por um período de nove meses, cujo objetivo era apreender a totalidade da situação enfocada. Neste estudo foram empregadas observações livres, seguidas da observação sistemática e participante, associadas ao uso de entrevistas em profundidade, depoimentos, aplicação de questionários, além da pesquisa documental. Os resultados alcançados evidenciaram que os adolescentes negros de elite apontam questões que nos permitem concluir que estes apresentam aspectos contraditórios no que se refere à formação de uma identidade negra, com destaque para suas características perceptíveis (cabelo e cor de pele). A relação entre “raça e classe” está presente no processo de construção identitária desses estudantes, já que alguns acreditam que “o dinheiro dá poder” e com isso, negros e negras estão imunes à possíveis situações de

¹Doutoranda e Mestre em Educação pela PUC- Minas, pesquisadora do EDUC- Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Culturas/ PUC- Minas.

preconceito e discriminação racial. Contudo, a partir dos resultados alcançados foi possível compreender os modos como estudantes negros de elite estão inseridos na escola particular e como essa vivência se configura em sua construção identitária.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescentes. Elite negra. Identidade étnico-racial.

ABSTRACT: This article resulted from research conducted by the Postgraduate Programme - Undergraduate Education, Pontifical Catholic University of Minas Gerais. This is a qualitative research, which had as main objective to understand the process of identity construction of black teens elite high school and enrolled in a school regularly frequent the particular network of Belo Horizonte, Minas Gerais. The school is one of the privileged to observe how identity constructions occur amid the dynamics of socialization and learning, especially ethnic and racial identities in a context where the presence of black students is historically small spaces. The methodology used was the case study, since this procedure allowed the researcher to analyze, observe, describe and thus gather detailed information from a stay in the field for a period of nine months, whose goal was to seize the entire situation addressed. In this study, free, followed systematic observations and participant observation, associated with the use of in-depth interviews, statements, questionnaires were used, in addition to documentary research. The results obtained showed that black adolescents elite point questions that allow us to conclude that these aspects have been contradictory with regard to the formation of a black identity, highlighting their perceptual characteristics (hair and skin color). The relationship between "race and class" is present in the identity construction process of these students, as some believe that "money powers" and with that, black men and women are immune to possible situations of prejudice and discrimination racial. Only the from the results obtained it was possible to understand the ways in which black students are included in the elite private school and how this experience is shaped in their identity

KEYWORDS: Teens. Black elite. Ethnic-racial identity.

INTRODUÇÃO

O estudo teve por objetivo central, compreender o processo de construção da identidade de adolescentes negros de elite, estudantes do ensino médio, matriculados e regularmente frequentes em uma escola da rede particular de Belo Horizonte – MG. Assim sendo, torna – se legítimo refletir que ser negro no Brasil envolve construções sócio-culturais, sendo as próprias contradições que constituem os sujeitos e, conseqüentemente, as relações que estes estabelecem ao longo do processo histórico. O cidadão brasileiro independente da sua condição étnico-racial percebe a diferença entre negros e brancos, seja na questão estética ou na condição social e o que distingue esta diferença é que uns acreditam na diferença como algo dado e imutável, enquanto outros entendem a diferença, como construída e naturalizada, de forma a privilegiar um determinado grupo em detrimento de outro. Santos (2007).

No Brasil as características físicas como a “cor da pele” é um dos fatores que apresenta uma forte influência nas relações étnico – raciais. Sendo um determinante social que não possui uma conotação no que se refere a uma origem, é sim a elementos relacionados à aparência física, ou seja, aos aspectos corporais. Piza (2000). Nesse sentido, cito a afirmação de Oracy Nogueira (1998), ao defender que o “preconceito no Brasil não é de origem, mas, sim de marca”.

Na vida social, em geral, os caracteres negroídes implicam preterição de seu portador quando em competição, em igualdade de outras condições, com indivíduos brancos ou de aparência menos negroíde. Conseqüentemente, o *status* ou o sucesso do indivíduo negroíde depende, em grande parte, da compensação ou neutralização de seus traços – ou de seu agravamento – pela associação com outras condições, inatas ou adquiridas, socialmente tidas como de valor positivo ou

negativo – grau de instrução, ocupação, aspecto estético, trato pessoal, dom artístico, traços de caráter etc. (NOGUEIRA, 1998, p.200).

Independente desse quadro de exclusão e injustiça social, negros e negras precisam buscar mecanismos que possam viabilizar a sua inserção no contexto social, de forma a conquistarem o seu espaço. Mas o que ocorre é que nesse processo complexo, muitos costumam abrir mão da sua negritude de modo a obter aceitação. Com isso, construiu-se na sociedade, várias nuances de cor, tais como: moreno, moreno-escuro, marrom-bombom, mulato, escuro etc.; Como forma de negar à condição ao grupo negro, dificultando uma possível construção de uma identidade mais definida.

Sobre esta questão, a adolescente negra Juliana uma das protagonistas da pesquisa em entrevista afirmou: “Em relação a minha cor não, eu nunca tive, porque até mesmo eu acho que em relação a cor eu não sou uma negra, assim, eu não sou preta! Entendeu? (Informação verbal). A cor da pele é uma das características humanas perceptíveis que apresentam aspectos marcantes em nossa sociedade, além de ser utilizada para classificar quem é negro e quem é branco no Brasil, Gomes (2006). Deste modo ao analisarmos a fala da adolescente negra Juliana é possível identificarmos uma contradição em seu discurso, pois a estudante auto - declara negra, e inclusive chega apontar situações de discriminação e preconceito vividas na família, bem como em outros espaços, como no caso da escola. Mas ao mesmo tempo afirma que: “eu não sou uma negra, assim eu não sou preta!”. (Informação verbal).

A adolescente possui uma nuance de pele negra tipo miscigenado, ou seja, mais claro. Devido a essa condição, alguns negros comportam da mesma forma, haja vista que em nossa sociedade, existem: “Várias gradações de negrura por meio das quais a população brasileira se auto-classifica nos censos demográficos” (GOMES, 2006, p. 22). Sendo uma forma de distanciar-se da condição étnico – racial negra. O adolescente negro Bernardo, diz que devido ao racismo presente em nossa sociedade, os negros podem apresentar dificuldades de identificação ao afirmar a sua condição negra, conforme ocorreu com ele:

Eu quando eu era mais novo eu passei por esse processo de... Identificação eu tinha um amigo... Meu melhor amigo era loiro, loirinho do olho azul, meu sonho, meu sonho era ter cabelo liso loiro, eu falei com minha mãe que ia pintar o meu cabelo, minha mãe perguntou eu falava. Eu via a foto do Michael Jackson e falava Nossa Senhora ele ficou branco? Eu também quero ficar! Entendeu? Eu achava que... Pelo menos os brancos não gostava de mim. Ai... Não tem nada ver meu Deus e fiquei... Eu era muito pequeno sabe? Eu tinha cinco anos sabe? E como eu estudava em escola ... eu acho que eu era o único negro, o único pardo para negro eu era o único. Como eu só ficava no meio de pessoas brancas, eu ficava assim... Eu achava estranho e falava eu tenho que adequar, sabe? Mas eu acho que a sociedade... Alguns negros devem ter dificuldade de identificar na sociedade, e eu acho que isso tem que ser resolvido de algum jeito, o governo tem que fazer deixa eu ver ... Publicar mais coisas de negro, tipo... Ah propagandas... Valorizar mais a figura do negro, porque o negro ele é muito desvalorizado. (Informação verbal).

Deste modo é plausível dizermos que a identificação racial no Brasil apresenta um caráter relacional e até mesmo de “negociação”, pois depende do posicionamento de cada cidadão, de quem pergunta do lugar onde está e da forma como as questões relacionadas ao grupo negro são discutidas (na família, na escola, na universidade, no trabalho etc.) ou até mesmo silenciadas. Schwartz (2001). É preciso considerar que: “Durante gerações, a sociedade branca tem feito dos negros uma imagem depreciativa à qual alguns, não tiveram força para resistir, pois introjetaram e criaram uma auto - depreciação que hoje se tornou uma das armas mais eficazes de sua própria opressão.” (MUNANGA, 2006, p.05).

O CAMPO DA PESQUISA

Para o desenvolvimento deste estudo, foram realizadas observação participante, a aplicação de questionários e de entrevistas semiestruturadas. Sem dúvida, a ciência antropológica permitiu-nos aprofundarmos no entendimento da pesquisa qualitativa. Ao analisarmos o “sentido da etnografia” em diálogo como a fenomenologia do conhecimento, Rocha e Tosta (2009) explicam que a forma como entendemos determinada situação está relacionado ao distanciamento que assumimos em relação a ela. Destacam, ainda, que a experiência etnográfica constitui um momento privilegiado no que tange à compreensão das verdades e da produção do conhecimento social. Além do mais, o trabalho de campo entendido como um “rito de passagem” exige reeducação dos sentidos, articulada a uma atitude fenomenológica.

Reconhecendo a importância de se inspirarem e apreenderem os estudos etnográficos para a realização da pesquisa, foram destacados autores, à medida que permitiu as pesquisadoras refletirem sobre suas ações, os limites, as subjetividades e as possibilidades presentes na relação com os adolescentes pesquisados, sobretudo no que se refere à similaridade étnico-racial de uma das pesquisadoras com eles. Conforme argumenta Velho (2002, p. 17), em suas pesquisas sobre grupos que lhe são familiares.

Lido com indivíduos que narram suas experiências, contam suas histórias de vida para um pesquisador próximo, às vezes, conhecido. As preocupações, os temas cruciais são, em geral, comuns a entrevistados e entrevistador. A conversa não é sobre crenças e costumes exóticos à socialização do pesquisador. Pelo contrário, boa parte dela faz referência a experiências históricas, no sentido mais amplo, e cotidiano também do meu mundo, e às minhas aflições e perplexidades. Eu, o pesquisador, ao realizar entrevistas e recolher histórias de vida, estou aumentando diretamente o meu conhecimento sobre minha sociedade e o meio social em que estou mais diretamente inserido, ou seja, claramente envolvido em um processo de autoconhecimento. (VELHO, 2002, p.17).

Desse modo, buscando a literatura mencionada e outras, constatou-se que, na pesquisa qualitativa, a interação entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados é um processo fundamental. Assim, sendo uma das pesquisadoras pertencente ao mesmo grupo étnico-racial dos adolescentes negros, o esforço por fazer o distanciamento torna-se ainda maior. A busca por manter o exercício da “objetivação” Bourdieu (1999) em determinadas situações no campo foi um esforço permanente no percurso da pesquisa.

A Instituição escolar pesquisada, atendia a um total de 980 estudantes, sua maioria, faz parte de uma classe alta, fato que aparece com frequência nas falas dos entrevistados, sobretudo dos professores e estudantes. Conforme apontou o professor negro Jorge, “não adianta negar, é de elite, de elite, não adianta a gente negar”. (Informação verbal).

A escola existe há oitenta e um anos e sempre foi reconhecida como uma instituição cujo ensino é de qualidade e onde o aluno é muito exigido. E em relação ao perfil econômico do alunado do colégio, sobressaem aqueles de classe alta e as interações na ótica de uma estudante entrevistada é o seguinte:

O [...] é um colégio elitizado mesmo! A própria região onde ele está na região Sul de BH. Então, os moradores das proximidades optam pelo [...], por ser um colégio mais elitizado. Então eu sinto que [...] dentro da sala de aula existe alunos da classe média normal, como todo mundo e existem alunos que tem tipo bolsa ou alunos que eram do antigo noturno, então estão inseridos na sala em um outro contexto desses alunos mais elitizado. Então assim... Não há um desrespeito, mas você vê não há... Um interesse em procurar os alunos de um grupo mais elitizado não! Tem interesse às vezes. São gente muito rica, muito rica mesmo, assim meu avó, você não sabe? Meu pai, meu pai tem esse nome, minha mãe é fulana de tal! Então assim dentro do colégio eu sinto que há! A classe média baixa e a classe média se interagem muito bem! Muito bem mesmo! Agora a classe média alta há os que são tranquilíssimos e há aqueles que não se enturmam e ficam lá no grupo deles. São muito ricos! Quem é rico aqui é muito rico. (Informação verbal).

As impressões da aluna parecem dizer claramente da existência no colégio de alunos economicamente muito favorecidos. É deste lugar que ela diz de como o poder aquisitivo marca distinções e hierarquias entre os estudantes. E associa o “sucesso” confortável de colegas da elite a esse poder de usufruir de mecanismos de ajuda nas tarefas escolares.

Sendo a instituição pesquisada de natureza confessional, sua proposta pedagógica está pautada na vida de um santo da religião Católica que, no imaginário popular e devocional, é aquele que se despojou inteiramente dos bens materiais em favor dos pobres, necessitados e dos pequenos animais. Conforme aparece em seu Projeto Político Pastoral Pedagógico – (PPP) O objetivo da escola é com a formação humana, tendo como eixo norteador de todo esse processo: a ética, a autonomia, a responsabilidade, a solidariedade, a simplicidade, os direitos e os deveres, o respeito ao bem comum, à diversidade das manifestações artísticas e culturais.

Contudo, tais princípios não são exatamente percebidos e confirmados nas falas de professores e alunos. A fala da professora branca Marília, apresenta aspectos importantes sobre essa questão: “Aqui é uma escola de elite. Se não é de elite no dinheiro que de fato tem muitas pessoas que tem, é de elite na capacidade de aprender, entendeu? Porque quem não dá conta disso, sai! É uma peneira. (Informação verbal).

A “peneira” a qual a professora se refere diz de algo que tem sido comum às escolas principalmente as particulares que é a entrada de seus alunos na universidade via o sucesso no vestibular. Preocupação traduzida em “valor” mercadológico, que se estende às famílias e aos alunos em geral. Em outros termos, a imagem e conceito positivos de uma escola em relação a outras do mesmo gênero, diz diretamente de índices de aprovação no vestibular. Tanto que o currículo do ensino médio, especialmente o último ano, é consagrado à preparação do aluno para enfrentar e muito bem a seleção para o ensino superior.

E indubitavelmente, a instituição pesquisada encontra – se no ranking de aprovação nos exames dos vestibulares, com destaque para as maiores universidades públicas do país, sendo: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal de Viçosa (UFV), Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). Por estes e outros indicadores, esse colégio é considerado um espaço de “excelência” acadêmica.

A verdade é que a educação não pode estar voltada somente para o vestibular, em detrimento da formação: social, cultural e ética dos sujeitos que nela se encontram. A educação e a escola precisam retomar e discutir aspectos relevantes a esta formação. E no caso da escola investigada, basta analisar o seu Projeto Político Pastoral Pedagógico, para darmos conta de que nele estão inscritos que a missão da instituição pesquisada é formar cidadãos valorizando os aspectos biopsíquico, econômico, social, político, pessoal e cultural, sem descuidar das singularidades de cada um deles.

Foram nove adolescentes negros os protagonistas desse estudo, e embora esse número ser relativamente pequeno, convém explicarmos que a presença de estudantes negros no espaço da pesquisa é pequeno, sobretudo, por se tratar de uma “escola de elite”, localizada na Zona Sul da cidade, ou seja, num espaço de elite, predominantemente uma “elite branca”. Por questões históricas, econômicas e sociais os negros que fazem parte desse espaço são uma “minoría”, sobretudo, quando se trata daqueles que compõem os extratos economicamente mais altos da sociedade.

A escolha dos adolescentes negros participantes do estudo foi feita a partir da hetero-classificação das pesquisadoras em relação àqueles que apresentavam características perceptíveis e traços morfológicos relacionadas ao grupo étnico-racial negro (textura dos cabelos, cor de pele, formato do nariz e boca), fato que veio a confirmar com a auto-declaração desses em entrevista. A condição de não ser bolsista, também foi uma dos aspectos levado em consideração, já que o colégio possui um programa de gratuidade.

NOTAS SOBRE A IDENTIDADE: AS FALAS NA PESQUISA

A discussão sobre a identidade apresenta complexidades; assim, para a discussão que se segue, o conceito de identidade foi amparado em pesquisadores que discutem o conceito de identidade a partir da Antropologia Social.

A identidade deve ser compreendida como um processo político, cultural e social que se constrói a partir das relações sociais, ou seja, família, grupos de amizades, escola etc. Nessa perspectiva, Silva defende: “A identidade de cada um, então, está vinculada a uma classe, um grupo social, uma comunidade que a afirma e confirma”. (SILVA, 1987, p. 142). Nesse sentido a identidade pressupõe uma relação entre: sujeitos sociais, sociedades e culturas. Haja vista que, na constituição de uma identidade, seja ela qual for essa está relacionada em compreender – se a si mesmo, o outro, bem como, conhecer a identidade do mundo exterior e ser compreendido. Lopes (1987).

Munanga entende a identidade como:

Uma realidade sempre presente em todas as sociedades humanas. Qualquer grupo humano, através do seu sistema axiológico, sempre selecionou alguns aspectos pertinentes de sua cultura para definir – se em contraposição ao alheio. A definição de si (autodefinição) e a definição dos outros (identidade atribuída) têm funções conhecidas; a defesa da unidade do grupo, a proteção do território contra os inimigos externos, as manipulações ideológicas por interesses econômicos, políticos, psicológicos etc. (MUNANGA, 2006, p.17).

As identidades são construídas, a partir de uma perspectiva histórico – cultural seja ela étnico – racial, de gênero e de classe. Com isso, os sujeitos culturais ao se reconhecerem em cada uma dessas, respondem afirmativamente a uma interpelação, estabelecendo assim um sentimento de pertencimento a um determinado grupo social. Sendo um processo que apresenta várias complexidades, pois essas múltiplas identidades podem cobrar dos sujeitos lealdades distintas e divergentes, além de contradições. Gomes (2003).

Na interação do “eu” com o “outro”, é transmitido uma imagem identitária, que pode ser aceita ou recusada, com isso a identidade passa por um processo constante de identificação do “eu” com o “outro”, e do “outro” com o “eu”. Assim o olhar em relação ao “outro” contribui com o surgimento das diferenças, resultando na constituição de uma identidade. Adesky (2005). Já que ao compartilharmos a nossa identidade com o “outro”, estabelecemos também aquilo que nos é próprio, ou seja, aquilo que nos diferencia de outros sujeitos de cultura.

EU QUERIA QUE MEU CABELO FOSSE AQUELE QUE ATRAPALHASSE NO VENTO E MOLHASSE NA ÁGUA ...

Por mais que seja complexo o processo de construção da identidade étnico - racial dos cidadãos negro, esse é um dos fatores determinantes da visão de mundo, da representação de si mesmo, do outro, do relacionamento na família, nos grupos de amizades, vizinhança, na trajetória escolar, profissional, bem como, em espaços onde os valores pertencentes ao grupo negros são preservados (movimentos negros, terreiros de umbanda, grupos de dança etc.). Lembrando que esse processo como posto na cultura é dinâmico e mutável a partir das relações sociais e da inserção no mundo. Gomes (2003). A identidade negra entendida neste estudo diz respiro a:

Uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial sobre si mesmo, a partir da relação com o outro. Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina ao negro, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar – se a si mesmo, é um desafio enfrentado pelos negros brasileiros. Será que, na escola, estamos atentos a essa questão? Será que incorporamos essa realidade de maneira séria e responsável

quando discutimos, nos processos de formação de professores, sobre a importância da diversidade cultural? (GOMES, 2003, p. 171).

Nesse sentido, convém destacarmos: Por que falar de uma identidade negra? Munanga (2006) responde a essa questão, defendendo que aqueles que apresentam a cor de pele branca e amarela, não passaram pelo processo de exploração, como no caso dos negros descendentes dos povos africanos. Estes foram capturados de seu território de origem para serem escravizados nas Américas, sendo separados de seu mundo, dos seus laços familiares, bem como de seus valores culturais. Realidade que se difere dos imigrantes japoneses, italianos e árabes que saíram de seus países por decisões próprias e por questões econômicas, sociais e políticas da época.

Todavia não é possível negar, como explica o antropólogo, que esses cidadãos também passaram por processos de ruptura, dificuldades sociais, de adaptação e econômicas nesse novo território. “Mas em nenhum momento a cor de sua pele clara foi objeto de representações negativas e de construção de uma identidade negativa, que embora inicialmente atribuída, acabou sendo introjetada, interiorizada e naturalizada pelas próprias vítimas da discriminação racial.” (MUNANGA, 2006, p. 01 – 02).

As representações sociais em relação aos negros são carregadas de estereótipos negativos, sobretudo, no que se refere à sua corporeidade, (cor da pele, textura dos cabelos, formato do nariz, boca). Nesse sentido, a concepção de identidade negra defendida por alguns integrantes do movimento negro, cidadãos e pesquisadores, se dá no sentido de buscar a valorização da “particularidade cultural negra” bem como a valorização do “orgulho negro” que até então, foi destruído pela estrutura racista presente na sociedade. Gomes amplia essa discussão ao indagar as seguintes questões:

Quantas vezes não ouvimos frases como “O negro fede”; “O cabelo rastafari é sujo e não se pode lavá – lo; “ O negro que alisa o cabelo tem desejo de embranquecer”; “por que você não penteia esse cabelo pixaim”; “esses meninos de hoje usam roupas estranhas, parecem pivete”? Quantas vezes essas frases não são repetidas pelos próprios docentes, dentro de sala de aula, nas conversas informais e nos conselhos de classe? Quantas vezes essas frases não são emitidas nos corredores das faculdades de educação e nas universidades? (GOMES, 2003, p. 173 - 174).

Laborne (2008) esclarece que a identidade negra é uma das possibilidades no processo de construção da identidade étnico – racial. Assim, para compreendê-la torna – se necessário levarmos em consideração a forma com o categoria raça (no sentido sociológico), opera na vida dos sujeitos sociais no caso das hierarquias presentes nas instituições sociais como a escola, universidade, mercado de trabalho, mídia dentre outros espaços. Diante dessa realidade, negras e negros vivem em um contexto de contradições sociais, carregadas de preconceito e de discriminação racial, fatores que estão presente na estrutura social brasileira. Como afirma Lopes:

Nós recebemos uma lição perfeita de como ser negro no Brasil. Aprendemos a escamotear as nossas contradições. Surge, então, um problema enorme de identidade do negro que para sobreviver, tem que escamotear, mas também tem que enfrentar essa escamoteação. Esse é um problema difícil! É uma confrontação que cada um precisa fazer consigo mesmo e que é dolorosa! Ser negro no Brasil [...] é viver em conflito permanente: dentro da família, no meio social, no meio cultural, no meio profissional. É muito difícil conseguir se sair bem, conciliando vida pessoal, social e profissional. (LOPES, 1987, p.39).

Essa “lição” é oportuna para analisarmos as falas dos adolescentes, relativamente desses sujeitos sociais e como isso interfere em suas construções identitárias. Portanto convém citarmos que no início da coleta de dados, devido à indiferença dos estudantes negros em relação à presença das pesquisadoras nos tempos e espaços da escola nos quais desenvolvíamos as

observações. Chegamos mesmo a pensar que estes ao serem indagados sobre sua condição étnico – racial não se viriam enquanto negros, devido as próprias dificuldades que atingem direto e indiretamente o modo de vida desses cidadãos, mesmos em condição de integrantes da elite.

Contudo é necessário considerarmos que não é possível exigir que negros e negras não tenham um discurso, em certos momentos, permeados de ambigüidades e contradições, ao se referirem a questões relacionadas à sua condição, enquanto integrantes do grupo étnico – racial negro. Laborne (2008), pois: “Falar do lugar de classificação racial no contexto brasileiro não é só falar de si. É falar de processos densos e tensos da construção da diferença. Uma diferença étnico – racial que, foi transformada em desigualdade. (LARBONE, 2008, p. 30.).

Ao realizarmos as entrevistas, foi possível percebermos que esses adolescentes negros, apresentam contradições no que se refere a sua identificação no grupo negro. Conforme constatamos na fala da adolescente negra Gabriela: “Eu não sou preta! preta, preta, azul. Sabe aqueles pretos... pretos ... pretos? Eu falo que minha mãe salvou a minha cor, porque minha mãe e branca e meu pai é muito preto. (Informação verbal).”

Durante a entrevista a aluna apresentou em sua fala, aspectos positivos no que se refere à condição social do negro na sociedade brasileira. Entretanto ao discorrer sobre a sua condição negra e da presença de sua mãe branca em sua formação, identificamos que seu argumento apresentava aspectos contraditórios, ao afirmar que sua mãe (branca) “salvou” à sua cor, já que seu pai é “muito preto”.

As relações étnico – raciais, no Brasil é permeada de complexidades, destacando a questão da identificação dos cidadãos negros enquanto integrantes do grupo negro, uma vez que o processo de afirmação da negritude não é um processo simples; e não se pode negar que um dos motivos para isso são as representações sociais negativas que foram construídas ao longo processo histórico em relação aqueles que não apresentavam característica físicas do branco.

Nesse processo contraditório, as famílias possuem uma função primordial, cabendo a elas introduzir em seus processos de socialização assuntos que digam da questão racial, propiciando o debate de toda a sua complexidade, não construindo, assim, uma “cápsula protetora”. Tal proteção na realidade contribui para o retardamento da questão, como também, com uma falsa proteção frente aos problemas que serão enfrentados pelos filhos. A adolescente negra Ana, aponta aspectos positivos sobre o ser negro a partir de suas vivências no contexto familiar.

Eu fico pensando que negro não é só a cor da pele, né? É cultura e raiz [...] eu conversei com minha mãe, com meu pai assim ... Eu percebo que ser negro não é você ter pele um pouco mais clara um pouco mais escura, e sentir, você tem que sentir que tem uma raiz e uma coisa por dentro assim que se identifica com alguma coisa, eu vejo assim. (Informação verbal).

Mas a família também pode interferir de forma negativa, no processo de construção da identidade étnico – racial, como disse a adolescente negra Juliana:

Infelizmente eu sofro maior preconceito dentro da minha família sobre a questão do negro, mesmo assim de... De eu me assumir uma pessoa negra, por que a minha família é negra, mais ela não se assume, e o fato de eu assumir, isso e meio... E meio complicado para eles aceitarem. Incomoda por que assim, para eles ah ... eles se consideram negras, mas ... É aquela coisa assim, sou negro, mas não queria ser entendeu? Se eu pudesse eu não seria, é mais ou menos isso [...] ah ... Como que já me chamaram? A minha família tem um tal de bico de anu sabe? Aquele pássaro que tem um bico assim ... anu. É um preto, então! Já me chamaram de bico de anu, entendeu? (Informação verbal).

Para uma melhor interpretação do depoimento de Juliana, consideramos válido trazer Goffman (1982) um dos expoentes da corrente denominada de interacionismo simbólico em seu estudo sobre estigma. Na visão goffminiana a identidade está relacionada ao estigma, podendo ser

entendido como uma marca que as pessoas carregam por toda a vida. Neste caso uma pessoa pode transmitir informações sobre sua identidade social, mesmo contra sua vontade. Sendo informações de natureza reflexiva e corporificada, ou seja, o corpo se expressa através de uma linguagem não-verbal, que se exprime também, através de signos, podendo confirmar informações que se referem à identidade social de uma pessoa. Como no caso da cor da pele, que é um símbolo de natureza permanente, termo defendido por Goffman.

Sobre essa questão as palavras do adolescente negro Bernardo também são importantes, pois, afirma que: “uma única vez que eu sofri preconceito foi na segunda série na escola que eu estudei há muito tempo atrás, mais foi assim, o menino já era problemático. Ele me chamou de frango defumado, aí eu fiquei muito irritado, aí eu fui brigar com ele. (Informação verbal).

Nos primeiros momentos da entrevista percebemos que Bernardo estava de certa forma, meio “incomodado”, afirmamos isso devido ao seu comportamento meio “agitado”, quando iniciamos as perguntas. Chegamos a refletirmos que um dos motivos que o levou a se comportar dessa forma, foi o próprio assunto que até então, estava sendo tratado na pesquisa. Uma vez que existe toda uma resistência em se tratar de questões relacionadas às relações raciais no Brasil.

No início da entrevista, Bernardo afirmou desconhecer a existência do preconceito em relação ao negro em espaços onde predominam cidadãos pertencentes às classes altas, condição social ao qual o estudante pertence. Ele afirma que: “A questão é que na sociedade em que eu frequento, eu não costumo ver, porque, como eu frequento uma sociedade média para alta, não que seja controlado, ainda existe, mais é menos. (Informação verbal).

“O dinheiro embranquece”? Está é uma pergunta feita ao discurso de Bernardo, dada a existência no senso comum de que negro que é rico não sofre preconceito. Mas na continuidade de entrevista com o adolescente, ele próprio apontou situação de discriminação racial vivenciada por ele em região nobre de Belo Horizonte - MG e que mostra que o preconceito em relação aos negros no Brasil não se resolve com sua ascensão social.

Segundo Bernardo: “Eu peguei o ônibus tinha uma mulher que estava com uma criança no colo, uma mulher branca, com uma criança sentada no colo, aí eu sentei, aí ela chegou para mim e falou com o filho, vamos sair daqui porque tem um pretinho do meu lado. (Informação verbal). Mas como a mulher saberia que ele era rico? Se sim, a reação seria a mesma? Munanga (2010) apresenta um argumento muito esclarecedor sobre essa questão, pois, explica que os negros que alcançam a ascensão social, na verdade podem estar proporcionalmente a si mesmo, bem como à sua família melhores condições de vida, como no caso: de uma educação de qualidade, conforto, uma boa saúde entre outras possibilidades. Mas acreditar que o dinheiro irá resolver o problema da discriminação, não é possível, pois a discriminação e o preconceito racial continuarão existindo.

Munanga também chama atenção que: Pode ser um milionário no Brasil, porém, se for negro, é diferente. “Se eu e você fôssemos milionários e visitássemos a periferia de qualquer cidade brasileira, ninguém diria que éramos milionários, seríamos tratados como são tratados os negros na periferia, inclusive pela polícia”. (MUNANGA, 2010, p. 14 - 15).

Outra questão que merece ser destacada, refere – se ao posicionamento desses adolescentes negros de elite em relação à sua descendência africana, ou seja, à sua corporeidade ao serem indagados sobre o que pensam sobre os seus corpo. Novamente as palavras de Munanga são esclarecedoras:

Nosso corpo e seus atributos constituem o suporte e a sede material de qualquer processo de construção da identidade. Através das relações “raciais” no Brasil como em outras partes do mundo marcadas pelas práticas racistas, aos negros foi atribuída uma identidade corporal inferior que eles introjetaram, e os brancos se auto – atribuíram uma identidade corporal superior. Ora, para liberta – se dessa inferiorização, é preciso reverter a imagem negativa do corpo negro, através de um processo de desconstrução da imagem anterior e reconstrução de uma nova imagem positiva. Ou seja, construir novos cânones da beleza e da estética que dão positividade às características corporais do negro. (MUNANGA, 2006, p. 15 – 16).

Ao longo das conversas que tivemos com os estudantes negros da pesquisa uma das características físicas que mais foi destacada por todos foi o cabelo. Conforme aparece na fala do adolescente negro André: “Eu não tenho nada não, apesar de que eu queria que meu cabelo fosse melhor. Eu queria que meu cabelo fosse aquele que atralhasse no vento e molhasse na água, liso. É uma questão de gosto”. (Informação verbal).

André tem razão o cabelo apresenta aspectos marcantes em nossa sociedade, pois é um “veículo de expressão, além de ser símbolo da resistência cultural”. Ademais o padrão de beleza no Brasil aproxima – se das características físicas daqueles que são descendentes dos povos de origem européia. Nesse sentido é oportuna a fala da adolescente negra Juliana:

Não... Teve uma vez que estava ali no Café vai, aí tem ... aí os meninos estavam comentando sobre o meu cabelo e tal, aí foi ... Falou assim ... Sabe aquela propaganda do Mon Bijou? Me chama de Mon Bijou, que não sei o que, que não sei o que ... Aí o menino já falou assim, você pode falar assim na propaganda “me chama de Mon Bijou ... nan, nan, nan” eu olhei assim para ele ... Por quê? Aí ele entendeu que eu não gostei, aí ficou calado. [...] É um Bombril é a marca de um bombril, ele estava associando meu cabelo ao bombril. Eu virei e falei, porque que eu vou falar um tipo desses? A gente estava brincando de propaganda e tal! Aí ele falou assim ah... Você pode falar assim: Me chama de Mon Bijou nan, nan, nan. E tem mais uma coisa, eu virei e falei porque que eu vou fazer isso, tipo eu não vejo significado no que você está fazendo, para mim não é assim, aí ele olhou assim, tipo ela não gostou.... (Informação verbal).

A representação hegemônica no contexto social brasileiro diz que o “belo” é traduzido pelas características perceptíveis dos cidadãos brancos, dentre essas características está o cabelo. Assim o padrão socialmente aceito é “o cabelo liso” idealizado no “quanto mais liso melhor”. André ressalta:

Eu acho a cultura européia muito bonita! Como eu falei no negócio. Mas olha eu também sou muito bonito! Eu também sou muito bonito viu?! Esse ano eu estou um pouquinho mais feio, porque eu não estou tendo tempo para mim, cuidar de mim melhor. Eu gosto muito do meu cabelo! Que é uma coisa diferente, mesmo não sendo uma coisa comum aqui, porque todo mundo tem o cabelo lisinho mais lisinho e tal! Eu mesmo... Eu não ligo! Assim de vez em quando fazem piada com o meu cabelo, eu também de vez em quando eu faço a propaganda do L'Oréal paris, para mexer meu cabelo mesmo, mais eu gosto do meu cabelo, acho diferente, eu acho minhas feições... Minhas características físicas diferentes acho muito bonito, acho que combina! A mistura do meu pai e da minha mãe ficou uma coisa muito bonita (Informação verbal).

Na verdade propomos a esses adolescentes uma reflexão sobre o processo de suas construções identitárias; de modo que estes olhassem para si mesmo e refletissem sobre sua condição enquanto integrante do grupo étnico - racial negro; tendo a escola particular espaço de uma minoria negra, como palco de todo esse processo, bem como a condição social desses adolescentes, enquanto integrantes de uma classe social economicamente favorável.

Acredito que tais reflexões contribuem para compreendermos como o cidadão negro toma consciência do significado de seu pertencimento étnico-racial e da importância que está condição apresenta em suas relações sociais. Haja vista que a condição racial abalada traz sérias decepções e choques de identidade. Conforme foi possível identificarmos nas falas dos adolescentes negros protagonista da pesquisa que resultou nesse artigo.

Portanto o reconhecimento de uma identidade negra no caso desses adolescentes negros de elite, apresenta ser algo bastante complicado; em situações como estas Silva (2005) explica que para ter identidade e ser reconhecidos nos vários espaços sociais que transitam, alguns cidadãos negros para serem aceitos, abre mão de si mesmo e busca se espelhar no branco e nos

conceitos da sociedade em que vive. A escolaridade é um fator importante para ascensão social, isto é certo, mas o que se constata é que vencido essa etapa, o negro anula, nega a cultura de origem. Sua luta torna-se individual, pois, incorpora os valores socialmente aceitos, mesmo tendo a consciência da importância da ancestralidade africana na configuração de sua identidade.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A primeira consideração a ser destacada é que o desenvolvimento de estudos sobre negros que ocupam as classes economicamente mais favorecidas, não é algo que se encontra com facilidade no campo das discussões das relações étnico – raciais brasileiras. Fato que se destaca o estudo realizado; e recobre de alta relevância acadêmica e social a discussão que foi desenvolvida na dissertação que resultou neste artigo.

Não podemos negar que no quadro de mobilidade social do Brasil, segmentos da população negra em uma escala menor que os brancos, vêm alcançando ascensão social. De tal modo o estudo se justifica e, ainda que preliminarmente, trouxe dados instigantes e importantes para os estudos sobre a questão étnico-racial e a educação no Brasil, particularmente na cidade de Belo Horizonte - MG. Portanto a partir da temática estudada, foram abertas várias possibilidades para estudos futuros; de todo modo, os dados coletados, em diálogo permanente com as discussões teóricas, permite apontarmos algumas conclusões.

A pesquisa revelou que constituir uma identidade negra por parte dos alunos participantes da investigação, existe várias contradições e ambigüidades, marcadas pela negatividade e pelas tentativas de afirmar sua condição negra. Realidade muito complexa, quando analisada a partir da relação entre condição “racial e classe social”. Esta é uma questão que envolve posicionamentos diversos, na medida em que no Brasil a representação hegemônica é a de que negros que ocupam as classes altas não enfrentam o problema da discriminação racial, o que não se confirmou nos relatos dos adolescentes negros protagonista desse estudo.

Porém não podemos negar que as representações sociais em relação aos negros são carregadas de estereótipos negativos, sobretudo, no que se refere à sua corporeidade (cor da pele, textura dos cabelos, formato do nariz, boca). E o sentimento de pertença a uma identidade étnico-racial, implica na aceitação de uma origem e na recusa da ideologia do branqueamento, impregnada de valores eurocêntricos, como ocorreu no caso brasileiro. Sabemos que a identidade seja ela qual for, é uma categoria em construção, pois não existe uma única e finalizada identidade, mas várias identidades que as pessoas e os grupos sociais podem criar, resgatar, incorporar através dos diversos papéis sociais desempenhados em contextos sociais diferentes. Marra e Tosta (2009) Tosta (2011).

Neste sentido, a semelhança e a diferença são fatores importantes na consolidação da identidade, já que a identificação é um processo político da organização social em que os grupos culturais vão se definindo a partir do contraste com o outro.

NOTAS

²Informações construídas a partir do Projeto Político Pastoral Pedagógico (PPPP) da instituição pesquisada.

³No desenvolvimento da entrevista a adolescente negra Juliana, explicou que a escola apresentava “oficinas” sobre a questão da diversidade étnico – racial. De acordo com a estudante, as atividades eram ministradas por uma psicóloga e uma Irmã de Caridade, sendo, três encontros durante o ano. Entretanto convém citar que a coordenação pedagógica e funcionários da instituição pesquisada, em nenhum momento de nossas conversas falou ou fez referência sobre a existência desse trabalho. Lembrando que ocorreram várias conversas e encontros entre eu e estas pessoas. Apesar de entender a importância dessas oficinas no desenvolvimento das construções identitárias dos adolescentes negros, esse “silenciamento” impediu que essas atividades fossem tematizadas nas entrevistas e mesmo agora, já no fechamento do texto da dissertação foram feitas várias tentativas de se obter informações a respeito destas oficinas, o que não aconteceu.

⁴

Informações do Projeto Político Pastoral Pedagógico (PPPP) da instituição pesquisada.

⁵

Referência à corporeidade negra.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. et al. **A profissão de sociólogo: preliminares epistemológicas**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- D'ADESKY, Jacques. **Racismos e anti-racismos no Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. São Paulo: Zahar, 1982.
- GOMES, Nilma Lino. **Cultura negra e educação**. Revista Brasileira de Educação, Belo Horizonte, n.23, p.75-85, maio/ago. 2003.
- GOMES, Nilma Lino. **Escola e diversidade étnico-cultural: um diálogo possível**. In: DAYRELL, Juarez. (Org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- LABORNE, Ana. Amélia de Paula. **Por essa porta fechada, outras tiveram que se abrir - identidade racial e trajetórias de docentes da Universidade Federal de Minas Gerais**. UFMG, (PPG em educação) 2008. Dissertação de Mestrado.
- LOPES, Helena Teodoro. **Educação e identidade**. Caderno de Pesquisa, São Paulo: n. 63, nov. 1987. Disponível em: <http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/739.pdf>. Acesso em: 15 de Set. de 2010.
- MARRA, Célia. TOSTA, Sandra de.Fátima Pereira. **Identidade**. In: ROCHA, G. TOSTA, S. F. P. Enciclopédia INTERCOM de comunicação-antropologia da comunicação. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da comunicação, 2010.
- MUNANGA, Kabengele. **Com a educação o quadro vai mudar**. Revista Raça Brasil, São Paulo, n. 148, p. 12-15, out. 2010.
- MUNANGA, Kabengele. GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje**. São Paulo: Global: Ação Educativa, 2006.
- NICODEMOS, Pollyanna Alves. **Sobre construções identitárias de adolescentes negros de classe média: um estudo de caso em uma escola particular de Belo Horizonte – MG**. 2011. PUC-MG (PPG em Educação), 2011. Dissertação de Mestrado.
- NOGUEIRA, Oracy. **Tanto preto quanto branco: estudo de relações raciais**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1985.
- PIZZA, Edith. **Branco no Brasil ninguém sabe ninguém viu**. In: GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo; HUNTLEY, Lynn (Org.). **Tirando a máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil**, São Paulo: Paz e Terra. 2000.
- SANTOS, Marzo Vargas dos. **O estudante negro na cultura estudantil e na educação física escolar**. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciência do Desenvolvimento Humano) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- SILVA, Bernardete Aparecida da Silveira et al. **A identidade afro-brasileira no contexto escolar**. Belo Horizonte: Universidade do Estado de Minas Gerais, Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão, 2005.
- SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. **Formação da identidade e socialização no limoeiro**. Caderno de Pesquisa, n. 63, nov. 1987. Disponível em: <http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/668.pdf>. Acesso em: 15 de Set. de 2010.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Racismo no Brasil**. São Paulo: Publifolha, 2001.
- VELHO, Gilberto. **Subjetividade e sociedade: uma experiência da geração**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

Recebido em: 07/03/2014

Aprovado para publicação em: 13/05/2014